

ESORG - Estudos organizacionais

GESTÃO FINANCEIRA E SABER LOCAL:
UM DIÁLOGO ENTRE UNIVERSIDADE E ARTESÃS
DA ILHA DE SANTA RITA, MARECHAL DEODORO /AL

Resumo

O artesanato retrata a identidade local materializada em produtos. Na produção destes, empreende-se tempo, são utilizadas matérias-primas locais, materiais são comprados, até vendê-los. Ao reconhecer, ontologicamente, uma artesã como dona de um saber e que, epistemologicamente, habita um reino de singularidades, a universidade pode aproximar-se sem impor seu saber científico. Nesse raciocínio, o estudo tem como objetivo realizar um diálogo entre universidade e artesãs da Ilha de Santa Rita, Marechal Deodoro/AL, horizontalizando gestão e saber local. Coerentemente, não foram pré-estabelecidos *inputs* teóricos, ou seja, a partir dos dados empíricos uma abordagem teórica reforçou tais achados, por mérito. De abordagem qualitativa básica, paradigma subjetivista, indutiva e descritivo-interpretativa, as ferramentas da *Grounded Theory* (GT) construtivista auxiliaram a coleta de dados, todos primários: observação participante; entrevistas não-estruturadas; e memorandos por escrita livre. Na análise, os achados amadureceram a discussão e as artesãs – que preferem não constituir associação ou cooperativa – enfatizaram aspectos financeiros, especificamente sobre a compra das linhas.

Palavras-chave: Artesanato. Ilha de Santa Rita - AL. Filé. Finanças. Grounded Theory.

Abstract

Handicrafts portray the local identity materialized in products. In the production of these, time is spent, local raw materials are used, materials are bought, until they are sold. By recognizing, ontologically, an artisan as the owner of knowledge and who, epistemologically, inhabits a realm of singularities, the university can approach without imposing its scientific knowledge. In this reasoning, the study aims to conduct a dialogue between university and artisans on the island of Santa Rita, Marechal Deodoro/ AL, horizontalizing management and local knowledge. Coherently, theoretical inputs were not pre-established, that is, from the empirical data a theoretical approach reinforced these findings, on merit. With a basic qualitative approach, subjectivist, inductive and descriptive-interpretive paradigm, the Constructivist Grounded Theory (GT) tools helped to collect data, all primary: participant observation; unstructured interviews; and free-writing memos. In the analysis, the findings matured the discussion and the artisans - who prefer not to form an association or cooperative - emphasized financial aspects, specifically about the purchase of the lines.

Keywords: Crafts. Santa Rita Island - AL. Filet. Finance. Grounded Theory.

1. Introdução

O artesanato, como conceito e prática – resulta em um objeto tanto material (produto em si) quanto imaterial (representação simbólica). É singular, uma vez que remete à criatividade e à história de gerações de um povo e, conforme Davel, Cavedon e Fischer (2012), sua força está na marca profundamente humana.

Segundo Mascêne e Tedeschi (2010), artesanato significa uma atividade produtiva que resulta em objetos/ artefatos acabados, feitos manualmente ou com suporte de meios tradicionais, cuja singularidade está na habilidade, destreza, qualidade, criatividade e cultura local.

Essa singularidade, reflexo do local a partir do que é produzido, é um movimento de retorno às origens, ao mesmo tempo que pode ser fonte de renda (MELO; UCHÔA; FERRARE, 2019). E a produção de roupas e vestuários, como uma das vertentes do artesanato, insere-se no setor interligado à moda e com consequente relação à criatividade e tendências.

Conforme ressaltam Mezabarba e Silvano (2019), é possível considerar que os produtos feitos artesanalmente fazem com que a junção de moda e cultura fiquem mais estreitas, pois carregam informações do cotidiano, de um estilo próprio. Diante disso, entra no embate contemporâneo da massificação e uniformização, para ser um promotor de resgate cultural e identidade regional (MELO; UCHÔA; FERRARE, 2019).

As inúmeras matérias-primas, oriundas do artesanato vinculado a roupas e vestuário, ganham uma importância especial quando estão nas mãos de artistas locais, rendeiras e bordadeiras, nos fios e tecidos que ganham desenhos e cores.

Em Alagoas, com diversidade e qualidade de seu artesanato, o estímulo está nos bens que a natureza oferece (FAVILLA, 2016). Por esse motivo, o estado é referência em tecer fios e elaborar peças únicas que encantam os que vislumbram e as adquirem.

O Filé, bordado genuinamente alagoano, as barras de redendê nas toalhas, dos caminhos de mesa Amor Caseado e dos delicados pontos cheios e rendas de bilro dão forma às peças artesanais locais (FAVILLA, 2016).

A arte do Filé é também conhecida como “rede de nó” e está relacionada aos pescadores, já que é feita como que em redes de pesca. Os pontos que compõem o bordado ou renda Filé são os crisântemo, suspiro, labirinto, tostão, corrente, puçá, estrela e miudinho. Sua renda é feita com uma agulha através de uma rede que também pode ser chamada de malha (ALVES, 2014).

Ainda com pressões globais – mídia, música, costumes e consumo – é por meio do tecer e no intuito de ensiná-lo que as rendeiras propagam a tradição para a preservação da história cultural de Alagoas (GUSMÃO; SILVA; QUEIROZ, 2014).

O bordado Filé alagoano, além de um bem que representa seu povo por ser um produto cultural de tradição europeia transmitido por gerações e difundido no Brasil na região lagunar de Alagoas, movimenta a economia local e funciona como um vetor de desenvolvimento comunitário (CARVALHO, 2017).

Como um dos setores da economia criativa, o Filé foi registrado em 2013 como Patrimônio Imaterial de Alagoas e em 2016 passou a ser reconhecido pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) com o selo de Indicação Geográfica, na modalidade Indicação de Procedência (CARVALHO, 2017).

Para o estudo, foi feito um recorte geográfico e, por acessibilidade, o lócus foi a Ilha de Santa Rita. Este povoado, situado em Marechal Deodoro-AL, está localizado a 11,8 km do centro de Maceió e representa uma Área de Proteção Ambiental (APA), devido a sua rica biodiversidade. Mesmo pertencente a uma área turística – com a

praia do Frances, Massagueira (polo gastronômico) e Barra Nova – a curiosidade está no fato de não ser composta por casas de veraneio. Rodeada pela lagoa Mundaú, é uma área de mangue na qual, entre seus moradores, há pescadores. Além de ser a maior ilha lagunar do país, com 12km² (IBGE, 2015).

Distante cerca de 15 km do centro histórico de Marechal Deodoro, a ilha é conhecida pelo seu povo hospitaleiro e pelas paisagens naturais que se formam ao longo do canal. No lugar haviam sítios particulares e da Igreja Católica e passou a ser povoada há mais de cem anos por agricultores e pescadores que – além de trabalharem nesses sítios - tiravam seu sustento a partir do que a natureza oferecia (MARECHAL NOTÍCIAS, 2015). As casas desses moradores foram construídas em espaços doados por esses proprietários.

Tendo em vista o contexto artesanal, a área do conhecimento Administração buscou uma aproximação em condições igualitárias tendo como objetivo realizar um diálogo entre a universidade e as artesãs da Ilha de Santa, Marechal Deodoro/AL, horizontalizando gestão e saber local. Para sua operacionalização, seguiu as etapas: conhecer o cotidiano das artesãs; identificar o que é o artesanato para as artesãs; identificar os produtos confeccionados pelas artesãs; compreender o processo produtivo sob a ótica das artesãs; e então, dialogar com as artesãs, alternativas de gestão que auxiliassem seus trabalhos cotidianos.

2. Sensibilização teórica

Por não pré-estabelecer *inputs* teóricos – limitadores para o olhar local e a relação com as artesãs como se fossem análise e experimento em laboratório, prendendo-se às variáveis teóricas, que descartam o que a estas não são vinculados – este tópico abordará uma sensibilização teórica tendo em vista os posicionamentos ontológico e epistemológico adotados. O mesmo reconhece o contexto local como um reino de singulares (SCHATZKI, 2005) e irá tratar de Racionalidade e Saber Local.

2.1 Racionalidade

A busca por compreender a razão revela o interesse em estudar os campos das racionalidades humanas subjacentes de acordo com as ações dos indivíduos em sociedade e, também, nas organizações. Souto-Maior (2012), por exemplo, aponta que a razão significa a escolha dos meios corretos a se alcançar, sendo necessário considerar crenças e valores.

No âmbito da racionalidade, a partir de Ramos (1981), Serva (1997), Weber (2004) e Souto-Maior (2012), existem formas distintas de compreensão incluindo a instrumental e a substantiva.

A Racionalidade Instrumental, para Weber (2004), serve para explicar como os indivíduos e organizações se comportam e tomam decisões com o objetivo de projetar e avaliar organizações.

Há também a perspectiva substantiva como característica natural humana, inerente às escolhas, habitada no interior de cada sujeito. Nessa discussão iniciada por Ramos (1981), a razão substantiva está relacionada a uma ética guiadora da vida social. Por meio dela, os indivíduos conduzem a sua vida pessoal na direção da autorrealização (OLIVEIRA, 2018). Sua concretização influencia a tomada de decisão, estabelecendo normas simbólicas, inclusive na comunicação.

A razão substantiva permite ainda ao indivíduo cultivar os objetivos coletivos e individuais em prol do bem comum, exaurindo a perspectiva egocêntrica – de concorrência interna – exaltando as necessidades mútuas e coletivas de satisfação e autorrealização, indo, além do cálculo utilitário e do sucesso econômico a que se

contrapõem, ao êxito coletivo e ao entendimento essencial (SERVA, 1997).

Essa tipologia caracteriza certos ambientes, pois direcionam as ações em prol da construção de valores coletivos e objetivos emancipatórios. Para Siqueira (2017), para que uma organização seja substantiva é preciso que o comprometimento com tais valores emancipatórios possa ir além da sua mera difusão.

Silva e Silva (2020) afirmam que, ao contrário da racionalidade formal/instrumental, a substantiva nunca poderá ser confinada num enunciado interpretativo. Somente através da livre experiência da realidade – experiência vivida – e de sua precisa articulação é que a mesma poderá ser compreendida.

A teoria substantiva postula que os critérios para a ordenação social são evidentes por si mesmos ao senso comum (SOUTO-MAIOR, 2012). Portanto, seria a única inerente ao comportamento e à interação social.

2.2 Saber local

Ao agregar reflexão às tipologias de racionalidade instrumental e substantiva é possível reconhecer que o pensamento científico, baseado na reflexão, não é suficiente para apreender a constituição, as dinâmicas e os movimentos da sociedade em seus diversos contextos nacionais.

Como parte do contexto nacional há o saber local, baseado nos costumes enraizados de um povo, em suas habilidades e conhecimentos empíricos (MARIN, 2007). Segundo o autor, a preservação deste saber implica desfocalizar as percepções e generalizações totalitárias sobre fatos e fenômenos econômicos, políticos e sociais totais, tendo em vista o respeito e a consideração ao local.

A temática saber local remete a conhecimentos específicos que habitantes de um determinado lugar têm sobre seu universo, no que abrange suas visões socioculturais e materiais, costumes e vivências. É um conhecimento intrínseco ao povo que o tem, sem sofrer influências externas de outros povos e culturas. Ou seja, são “maneiras de comparar, classificar e ordenar, medir, quantificar e inferir” (D'AMBRÓSIO, 2016, p.6).

Mesmo com pouca possibilidade de isolamento social total, Leite e Leite (2012) defendem que há uma assimetria entre os diversos saberes nos processos de difusão por consequência do ambiente físico-social, por meio dos processos em deriva que marcam o espalhamento de toda criação. Por isso que são considerados os tipos de saberes: formal, como conhecimento científico; e o empírico, irrigado de técnicas e tecnologias locais oriundas dos costumes.

Na junção desses saberes, é provável que estejamos envolvidos por conhecimentos inerentes às nossas raízes (empíricos/locais), mas as escolas pelas quais passamos (formais), o que inclui a universidade, dificilmente valorizam outros saberes que não os validados pela academia ou por instituições de pesquisa (VENQUIARUTO et al., 2011). Isso porque, sua legitimidade na perspectiva formal está na comprovação ou refutação, oriunda da incidência ou não das variáveis previamente estabelecidas, medidas, analisadas e apresentadas.

No entanto, o(a) pesquisador(a) que opta por desenvolver uma pesquisa horizontalizando os saberes empíricos e formais como ponto de partida, desarmar-se de suas verdades pré-estabelecidas e conforme Marin (2007) está aberto(a) e solícito(a) para compreender o que o contexto e o saber local oferecem.

3. Metodologia

Para Creswell (2010) uma pesquisa qualitativa deve: ser realizada no ambiente natural dos participantes; considerar o pesquisador um instrumento fundamental, uma vez que os dados são coletados pessoalmente a partir de contatos com os

participantes; obter múltiplas fontes de dados; realizar análise indutiva dos dados organizados, de modo abstrato; considerar os significados que os participantes dão ao seu mundo e as suas ações; ser um projeto emergente, pois todas as suas fases podem mudar ou se deslocar durante a coleta e análise dos dados; e ser interpretada já que, mesmo a partir do mundo dos participantes, o pesquisador insere significado aos achados da pesquisa em códigos ou categorias emergentes.

Por esses aspectos, o objetivo do estudo foi amadurecido durante o processo de coleta e análise, no contexto de artesãs da Ilha de Santa Rita.

Para a coleta e análise – simultâneas, mas aqui separadas para fins didáticos – foram utilizadas as ferramentas da GT construtivista de Charmaz (2009) na seguinte perspectiva de: primeiro, à prática é dada forma e, segundo, a teoria explica a prática. Essa proposta de construir conhecimento deixa de lado a dedução de hipóteses por teorias e categorias pré-existentes, modelos validados ou *scripts*.

As ferramentas da GT implicam estudar processos sociais fundamentais, dentro de um ambiente social ou de uma determinada experiência (CHARMAZ, 2014), considerando as contingências. Tais ferramentas são princípios – sem a ideia do conhecimento pronto – flexíveis que acompanham a realidade onde se faz a pesquisa. De todo modo, sua operacionalização, exige coerência.

Na verdade, as ferramentas da GT, conforme Charmaz (2009, p.24) servem “como um modo de aprendizagem sobre os mundos que estudamos” e suas etapas fazem com que os dados tragam perspectivas originais e singulares.

3.1 Coleta de dados

A pesquisa teve início em outubro de 2018 e conclusão em dezembro de 2019. O estudo foi iniciado com 6 artesãs – nenhuma vinculada à associação ou cooperativa por escolha própria e/ou por experiências negativas segundo elas - e finalizado com contato direto com 5. Essas artesãs fazem e vendem seus produtos em suas próprias casas.

Foram 14 encontros no total, que envolveu: contatos com informantes-chave (que conheciam e tinham acesso ao *lôcus* de pesquisa); visitas à Ilha de Santa Rita; ida às lojas de aviamentos mais citadas pelas artesãs; contato com proprietário de uma loja de aviamentos; e a participação em um evento de artesanato do Filé. O contato com as artesãs ocorreu sempre *in loco*.

Esse período seguiu Charmaz (2009) sobre a busca de dados relevantes, detalhados, focados e completos que revelassem as opiniões, os sentimentos, as intenções e ações dos participantes, em seus contextos e suas estruturas de vidas. Para isso foi preciso: observar ações e processos locais, bem como palavras; delinear o contexto, cenas e circunstâncias, com cautela; registrar quem fez o que, quando, por que e como ocorreu; identificar as condições das ações, intenções e processos; procurar caminhos para interpretar esses dados; e concentrar-se nas palavras e expressões que os participantes atribuem significados especiais.

Segundo Denzin e Lincoln (2011), a coleta de dados combinou mais de uma técnica. E na proposta da GT (CHARMAZ, 2014), foram: contatos com informantes-chave (conheciam o local, as artesãs e locais em que estas compravam materiais para confecção dos produtos); entrevistas não-estruturadas (para conhecer e refinar os significados na perspectiva das artesãs); conversas informais (maioria dos encontros, sem uso de gravador, que ocorriam nas calçadas ou varandas das casas das artesãs); observações participantes (visualização do ambiente de vida e de trabalho das artesãs, com o registro fotográfico de alguns desses momentos); e memorandos por escrita livre (como uma escrita reflexiva que: captavam todos os pensamentos da pesquisadora; fazia comparações e conexões; e cristalizavam as

direções e aspectos).

3.2 Análise dos dados

A análise, para Gibbs (2009), resulta nas transformações do trabalho, iniciadas com a coleta e que, para Charmaz (2014), sugere os esclarecimentos: Estou reunindo dados contextuais suficientes sobre pessoas, processos e ambientes que possibilitem a recuperação destes?; Consigo obter descrições detalhadas das opiniões e ações dos participantes?; Os dados são suficientes para revelar mudanças ao longo do tempo?; Quais tipos de comparações consigo estabelecer entre os dados?; e Como essas comparações comunicam minhas ideias?

Sua operacionalização, que emergiu das artesãs nos encontros, com uso ético de anonimização (GIBBS, 2009), gerou a compreensão indutiva para amadurecer o objetivo geral (inicialmente, *aproximar a universidade das artesãs da Ilha de Santa, Marechal Deodoro-AL, auxiliando no cotidiano das mesmas, pelo viés da gestão*; e finalmente, *realizar um diálogo entre universidade e artesãs da Ilha de Santa, Marechal Deodoro/AL, horizontalizando gestão e saber local*).

Quadro 1: Resumo da metodologia utilizada no trabalho

Etapas	Tipo		Caracterização		
Objetivo	Em amadurecimento		<i>Possibilitar um diálogo entre universidade e artesãs da Ilha de Santa /AL, pelo viés da gestão.</i>		
Sensibilização teórica	Racionalidade e Saber Local		<i>Nortear epistemologicamente o olhar sobre o objeto, sem preestabelecer a teoria</i>		
Metodologia	Qualitativa básica		<i>Uso de ferramentas da GT Construtivista</i>		
	Processo simultâneo	Coleta dos dados	Primários	Auxílio de informantes-chave	
				Entrevistas intensivas (gravadas)	
				Conversas informais (não-gravadas)	
				Observação direta	
				Memorandos – memos – por escrita livre	
	Processo simultâneo	Análise dos dados	Amadurecimento dos dados	Iniciais	1. Conhecer o cotidiano das artesãs
					2. Identificar o que é artesanato para as artesãs
					3. Identificar os produtos confeccionados pelas artesãs
				Focais	4. Compreender o processo produtivo sob a ótica das artesãs
Teóricos				5. Dialogar com as artesãs, alternativas de gestão que auxiliassem seus trabalhos cotidianos	

Fonte: adaptação de Charmaz (2014)

Esse diálogo levou a caminhos desconhecidos já que a perspectiva de gestão foi alinhada ao saber local e vice-versa.

4. Discussão dos dados

Esse tópico trata da perspectiva empírico-temporal e o reforço teórico aos achados da pesquisa que foram amadurecidos.

4.1 Perspectiva empírico-temporal

Essa etapa, de modo livre, acessou o contexto das artesãs considerando todo tipo de informações durante os quatorze encontros/momentos.

O artesanato na Ilha de Santa Rita reflete o cotidiano com cantoria, criatividade e esforço impressos nos tecidos. Foram vivenciadas experiências de mulheres artesãs dispostas a confeccionar seus produtos com simplicidade e carisma singulares. Elas dividem o tempo entre afazeres domésticos, andar pela comunidade e expor suas peças nas calçadas e áreas de casa.

No primeiro contato, o informante-chave apresentou informações sobre a comunidade, o que gerou curiosidade sobre costumes e a relação social local naquele espaço rodeado por coqueiros, de ruas asfaltadas, de paralelepípedo e estradas de barro que davam acesso aos sítios locais e à lagoa.

Foi possível conhecer a Artesã 1, senhora cuja pele indicava uma vida de muito trabalho, cujas linhas da face transmitiam simpatia inigualável. Ela logo relatou: sua perspectiva sobre a ilha de Santa Rita; o fazer artesanal pelo bordado com que as artesãs locais produzem incluindo figuras em formas de flor e outros objetos; da atividade de pesca, com a limpeza de peixes e mariscos e sua produção caseira de cocada, ambas lhe provém sustento; que canta; e que é conhecida por dançar pastoril e sambar.

A Artesã 1 externou uma postura comunitária a partir do seu relato: quando alguma artesã precisa de material para produzir uma peça, logo emprestamos ou doamos; e quando precisa que sua peça seja vendida, deixamos de vender a nossa para comprar a dela.

Em uma segunda oportunidade, ao entardecer, o ambiente na Ilha era de tranquilidade. As casas simples de alvenaria, com rebocos bem acabados e pintadas em cores vivas, possuíam plantas na entrada. Grandes árvores compunham a praça central da ilha, ponto de encontro dos moradores para conversar e jogar dominó. A impressão é que todos se conhecem, que a infância é vivida quando crianças brincam livremente nas ruas – a cavalo, de bicicleta e correndo – e na praça com os disputados balanço e gangorra, além da quadra poliesportiva em que adolescentes, jovens e adultos jogam futebol.

Ao aproximar de outras artesãs que teciam seus produtos nas varandas ou calçadas de casa, sentadas no chão ou em suas cadeiras de balanço, estas “jogavam conversa fora” e estavam satisfeitas por terem deixado a casa arrumada, a comida pronta e que podiam assim focar no artesanato.

Após a praça, em direção à lagoa, há dois caminhos: um à esquerda cujo percurso permite atravessar a capela local, com fachada de 1851, em direção a um restaurante de comida e frutos do mar, ensejando direito a uma bela vista da lagoa, na qual passam barcos de passeio e motonáuticas. A natureza verde ao redor, além dos coqueiros, é rodeada pela vegetação de manguezal. Do mesmo modo, à direita, é possível vislumbrar um artesanato de madeiras rústicas e de paletes, e outro sentido um restaurante a cujo acesso é possível apenas de barco, em um percurso de 3 minutos, além de casas e sítios utilizados para festas, como casamentos e aniversários, com *piers* que dão acesso à lagoa, bem como uma escola de remo e *standup*.

Foi conhecida a Artesã 2, em sua casa, que apresentou seus produtos e

utensílios, como peças de roupas de bonecas e infantis, toalhas de mesa, agulha anatômica que facilita o trabalho mais ergonômico. Ainda indicou quatro marcas de linhas mais utilizadas M1, M2, M3, M4, encontradas em duas lojas em Maceió, L1 e L2. E para comparar foram acessados os sites de duas lojas virtuais, L3 e L4.

Segundo ela, há insatisfação em relação ao aspecto financeiro: o preço variado das linhas utilizadas para o bordado; o custo de transporte da Ilha até o Centro de Maceió para comprar os materiais necessários; a falta de valorização do trabalho artesanal, com solicitação de descontos quando as clientes não consideram o tempo e materiais gastos, mesmo com as constantes encomendas.

No terceiro encontro, na casa da Artesã 1 – que cantou e dançou pastoril e recitou seus versos, ofereceu sua cocada para experimentação. Depois mostrou-se desanimada com o grupo da associação de rendeiras da localidade, pois segundo ela havia sido humilhada em não ter reconhecida a beleza de suas peças de Filé. Mas logo retomou sua alegria. Narrou também que quando precisa vender suas peças, entrega ao seu Neto 1, que mora em Maceió e leva as peças, assim como seu Neto 2, que vende as peças no Restaurante em que trabalha na própria comunidade. Mas já houve situações em que suas peças foram vendidas em centros de artesanato conhecidos de Maceió e que era obrigada a vender a preços baixos, sem contar quando não recebia o valor acertado ou nem recebia da intermediária.

No quarto encontro, foi feita uma reunião com cinco artesãs, incluindo as duas já conhecidas. Todas relataram que seria de grande valia ter seus custos reduzidos e trabalhos valorizados. Cada uma expressou sua forma individual de preferência pelo tipo de peças produzidas, a cor da linha utilizada e os tipos de “pontos” existentes – Jasmim, Ladeira, Vai e Vem, Olho de pombo e Massunin.

Reforçaram que apesar de prazeroso, o tecer da linha e agulha na tela, por muitas horas de trabalho, traz certo prejuízo à saúde ao longo dos anos. E quase todas relataram ter tendinite e Lesão por Esforço Repetitivo (LER). Algumas informaram ter recebido instrução, por intermédio de fisioterapeutas e utilizam de alongamentos antes e depois do trabalho para prevenir ou reduzir dores no pulso, nos dedos da mão, ombros e na região cervical.

Foi possível conhecer ainda três jovens da Ilha de Santa Rita, hábeis no artesanato com filé, as quais não se mostraram interessadas em participar da pesquisa, apesar de informarem que seria interessante ter suas peças valorizadas. A expressão de uma delas mostrou desencanto pela arte que aprenderam com avós e mães, mesmo que ainda produza peças para uso próprio. Isso porque devido a questão financeira passara a trabalhar em uma padaria para ter uma “renda certa”.

A Artesã 1, apresentou a Artesã 3, que com alegria no olhar, nos mostrou suas peças de roupa infantil que produzira para sua sobrinha e que usa as redes sociais para divulgar seus trabalhos artesanais e vende-los. Ela considera um catálogo ou mostruário quando precisa mostrar seu trabalho aos futuros clientes.

Até então foi possível compreender que as artesãs, em geral, confeccionam suas peças em processos produtivos simples, mas delicados. A produção é por encomenda e estabelecem prazo para entrega, vinculado aos afazeres domésticos e compromissos familiares.

Na produção, a linha de crochê ou filé serve de caneta para desenhar a arte na tela. Essa é feita com uma linha mais fina do que de costura, usada apenas como base. Já a tela é em forma de pequenos quadros com tamanho de meio a um centímetro quadrado, de acordo com a peça a ser produzida.

A formação de preço, como algumas relataram, ocorria somando o custo de aquisição da linha e da rede e multiplicava-se o valor por três ou quatro.

O quinto encontro não foi com as artesãs na Ilha, mas às lojas de aviamentos em Maceió citadas por elas. Na L1, encontramos o valor de R\$ 13,70 por unidade de linha da marca M1 ou M2, não informado a metragem por unidade do rolo. Nesse valor, a vendedora informou que comprando “em quantidade” teria 5% de desconto mediante solicitação ao gerente da loja.

Já na L2, a atendente informou que o preço da linha M1 custava R\$ 11,50 e da M2 R\$ 13,80. Ambas, comprando “em quantidade” teria desconto de 5%. Nesta loja foi encontrado o menor valor, mesmo dentre as lojas virtuais.

Concomitantemente, na L3, que é virtual, foi encontrado 12% de desconto no preço de qualquer linha, ficando por R\$11,49 o preço final, para qualquer cor.

Também em outra loja virtual, L4, as linhas custam o mesmo valor da L3, porém para pagamento feito no boleto, ganha desconto de 5%. Nesse caso, o valor fica R\$11,31, aparentemente o mais atrativo dentre as lojas pesquisadas, porém o pagamento do frete onerava o custo total, ainda que comprando em grandes quantidades.

Essa visita às lojas ocorreu por conta dos relatos das artesãs, já que cada uma costuma comprar as linhas individualmente. E nesse percurso para comprar as linhas utilizam de duas a quatro passagens – sentido Ilha de Santa Rita-Maceió (R\$ 5,00 por trecho) e ônibus já em Maceió (por trecho, R\$ 3,75).

No sexto encontro, na Ilha de Santa Rita, o foco foi amadurecer informações não aprofundadas sobre as linhas nos encontros anteriores: quantidade mensal de rolos; preço médio de aquisição; marca(s) de preferência; cores de preferência; e local de aquisição.

Segundo elas, a média de consumo mensal foi entre dez e doze novelos, a depender da quantidade de encomendas. Um novelo pode ser transformado em uma blusa pequena. Entre um novelo e meio e três e meio são transformados em uma toalha de mesa ou um vestido. Além disso foi unanimidade as linhas M1 e M2, por possuírem maior qualidade, as cores são “firmes” - não desbotam na lavagem da peça pronta. Entretanto, relataram perceber que, ao passar dos anos, a quantidade por metro de linhas que vem no novelo tem diminuído. Sobre a linha M3, esta não teve boa aceitação das artesãs, pois segundo seus relatos, desbotam nas peças ao serem lavadas, principalmente a cor vermelha. E das cores das linhas, a mais utilizada é a branca.

Próximo a Ilha de Santa Rita são vendidos novelos, tanto no povoado Barra Nova quanto no centro de Marechal Deodoro, que possuem valores médios semelhantes ao local anterior, entre R\$11,00 e R\$13,00.

Em contato com responsáveis dos dois restaurantes locais e o projeto de remo e *standup* foi autorizado divulgar – quando elaborado o *design* da logomarca – os produtos das artesãs no cardápio ou em cartazes. Essas organizações recebem público intenso de Maceió entre quinta-feira e domingo e, para acessá-las, é preciso passar pela rua principal da ilha onde as artesãs moram.

A curiosidade desse encontro foi que as artesãs relataram – em tom de pesar – que em 2008 ocorreu uma grande enchente que inundou parte da comunidade e com isso perderam grande parte de seus acervos de riscos de costura e materiais que serviam de mostruário para a produção de novos produtos. Um dos impactos foi que ficou comprometido o repasse da tradição às gerações futuras. No entanto, elas relataram a vontade de reproduzir essas memórias, mesmo com semblantes tristes.

O sétimo encontro foi o contato telefônico da pesquisadora com a atendente da Fábrica 1, que produz as L1 e L2, as preferidas das artesãs. Segundo ela, um possível desconto só ocorre via pessoa jurídica, mas indicou uma representante

comercial para fazer uma visita e apresentar os produtos. E assim foi agendado.

No oitavo encontro, a representante informou que o preço praticado pelas lojas do centro da cidade de Maceió já seria o preço mínimo e que esse tipo de produto tem baixo retorno para a empresa que revende. E completou que não seria viável um desconto que superasse o valor de R\$0,50. A parceria poderia existir em valorizar o trabalho das artesãs e sobre isso fez um convite para um evento a ser realizado em Marechal Deodoro, específico para rendeiras do Filé. Ainda convidou a pesquisadora para fazer parte do evento com uma apresentação sobre a temática “finanças pessoais voltada ao artesanato”.

O nono encontro foi casual, quando um segundo informante-chave revelou conhecer um proprietário de uma loja que vende as linhas e que, por sinal, foi uma das citadas pelas artesãs, a L1. O contato do proprietário foi repassado e marcada uma visita a sua loja para conhecer os produtos e a possibilidade de desconto para as artesãs da Ilha.

E o décimo encontro ocorreu com a Artesã 2 para tratar do uso e qualidade das linhas M3, que também é vendida na L1. Esta artesã relatou já ter usado essa linha e achou adequada a sua produção. Não apresentou resistência e disse estar adepta a mudanças caso conseguíssemos um valor mais acessível para a “compra em quantidade”. Relatou ainda que em alguns dos lotes de fabricação dessa linha algumas vem com defeito, mas que isso costuma ser previsível, como por exemplo os nós nas linhas ou falha no tingimento do pigmento da tinta, que ao lavar possa ser desbotado. Mas que é comum, independente da marca. No entanto, as Artesãs 1 e 4 foram irredutíveis sobre a possibilidade de usar essa linha.

No décimo primeiro encontro, na referida L1, o proprietário relatou apreço pela causa das artesãs – tendo em vista gostar muito da Ilha de Santa Rita – e que gostaria de contribuir de algum modo. Seu apoio inicial foi oferecer uma diversidade de marcas de linhas que possibilitasse reduzir o custo final das peças. Ele apresentou marcas nacionais e importadas, que servissem tanto para a arte do Filé, Crochê, Tricô e costura em geral.

Das linhas sugeridas, uma foi a M3 e outra a M4 e além dessas uma M5 e outra M6 (esta ecológica, possui em sua composição materiais misturados entre algodão e outras fibras). O preço das linhas M3, M4 e M5, de melhor qualidade, custa em média R\$12,56 e da M6, R\$6,90. A narrativa do proprietário sugeriu acrescentar a M6 na produção da peça artesanal mais outra marca, o que reduziria o custo em 54,93% do valor total do produto.

O décimo segundo encontro foi o evento em Marechal Deodoro, voltado às artesãs do Filé conforme o convite feito pela representante das linhas. As artesãs da Ilha de Santa Rita foram convidadas, porém apenas as Artesãs 1 e 2 confirmaram presença. A pesquisadora levou as artesãs ao evento. Neste, a pesquisadora fez sua apresentação e recebeu elogio delas.

No décimo terceiro encontro a pesquisadora retornou à Ilha para mostrar as linhas e a proposta do proprietário da L1 às artesãs. Assim que os novelos foram retirados da sacola a Artesã 2 prontamente identificou a qualidade de cada um, sendo a M3 a que ela mais utiliza, a M4 não costuma usar, a M5 disse não gostar de usar com frequência e a M6, assim que avistou, expressou insatisfação, pois informou não ser linha e sim um barbante pintado.

Ela informou que os diferentes tipos de linhas são caracterizados de acordo com a qualidade a partir da quantidade de torções que a linha recebe. Quanto mais torcida, melhor a linha. Citou também sobre o brilho da linha e que a M6 não possuía nenhum brilho. Além disso, reforçou quais linhas podem ser utilizadas nos diferentes

tipos de trabalho: crochê; filé; macramê; tricô; e outras modalidades do artesanato têxtil.

Segundo ainda a Artesã 2, algumas linhas são subdivididas para a finalidade da produção: algumas mais finas servem para fazer a rede do Filé; as que enchem a rede do Filé; as que produzem produtos para casa – como tapetes; as de crochê que servem para a produção de bonecos e brinquedos de crianças, dos tipos que variam de acordo com a criatividade do artesão e a disponibilidade de receitas.

No décimo quarto – e último – encontro, as quatro artesãs relataram ter afeto por seus produtos e que não utilizariam nenhuma dessas quatro linhas anteriores – M3, M4, M5 e M6. E com esses relatos foi possível perceber a importância da preservação da identidade local na produção do artesanato.

Desses relatos e destaques, foram considerados os significados que emergiram e amadureceram para receber reforço teórico, a partir das artesãs, aqui sintetizados.

Quadro 2: Amadurecimento dos códigos iniciais(i), focalizados(f) aos teóricos(t)

Conhecer o cotidiano das artesãs (i) - Cantoria; simplicidade; carisma; pele indica vida de muito trabalho; limpar peixes e mariscos; preparar cocada; dançar pastoril e samba; casa arrumada e comida pronta.
Identificar o que é o artesanato para as artesãs (i) - Criatividade; tecer fios na rede e criar; quando artesã precisa de material, as outras emprestam ou doam; quando artesã precisa vender, outras deixam de vender a própria peça para comprar a dela; tecem produtos na porta, varanda, ou calçada de casa; sentiu-se humilhada em não ter reconhecida a beleza das peças; jovem artesã produz para uso próprio, mas devido a questão financeira, trabalha em padaria; enchente inundou parte da comunidade e acervos de riscos de costura e materiais, que serviam de mostruário, foram perdidos, comprometendo o repasse da tradição e da memória.
Identificar os produtos confeccionados pelas artesãs (i) - Bordado; figuras em formas de flor; roupas de bonecas e infantis; toalhas de mesa; tapetes; bonecos; vestidos
Compreender o processo produtivo sob a ótica das artesãs (f) - Agulha anatômica; 4 marcas de linhas mais utilizadas; 2 lojas em Maceió; insatisfação do aspecto financeiro; custo de transporte da Ilha até Maceió para comprar materiais; desvalorização do trabalho, com solicitação de desconto; vendem peças em Maceió por intermédio de netos; peças vendidas em centros de artesanato de Maceió a preços baixos e que não recebem o valor acertado; preferência dos tipos de peças produzidas, cores e “pontos” – Jasmim, Ladeira, Vai e Vem, Olho de pombo e Massunin; tecer por muitas horas traz prejuízo à saúde – tendinite, Lesão por Esforço Repetitivo (LER), dores no pulso, nos dedos da mão, ombros e na região cervical; processos produtivos delicados; produção por encomenda; a linha de crochê ou filé serve de caneta para desenhar a arte na tela; a tela formada de pequenos quadros com 1/2 a 1 cm ² ; a média de consumo mensal entre 10 e 12 novelos; 1 novelo se transforma em 1 blusa pequena; 1,5 novelo a 3,5 são transformados em 1 toalha de mesa ou 1 vestido; as linhas M1 e M2 possuem maior qualidade – cores “firmes” e não desbotam; M3, M4, M5 e M6 não servem; as linhas são caracterizadas de acordo com a qualidade, a quantidade de torções e o brilho; linhas para diferentes tipos de trabalho: crochê; filé; macramê; tricô.
Dialogar com as artesãs, alternativas de gestão que auxiliassem seus trabalhos cotidianos (t) - Ter custos reduzidos; redes sociais para divulgar; formação de preço; compram linhas individualmente; custo com transporte; compra dos novelos; desconto na compra dos novelos; lojas virtuais; restaurantes locais e projeto de remo e standup autorizaram divulgar seus produtos; marcas nacionais e importadas.

Fonte: elaboração própria

Esse processo simultâneo – descritivo – de coleta e análise possibilitou a organização interpretativa dos achados da pesquisa, sendo reforçados com dados teóricos.

4.2 Reforço teórico aos achados da pesquisa

Com base na vivência com as artesãs, foi possível gerar *insights*, vinculados ao que mais as artesãs levaram em consideração em relação à produção e venda de seus produtos: custo de transporte, trabalho artesanal desvalorizado; e preço de aquisição das linhas.

Quadro 03: Amadurecimento das vivências com as artesãs

Síntese das observações	Reforços teóricos
Custo de Transporte; Trabalho artesanal desvalorizado; Preço de aquisição das linhas.	Para Schotanus & Telgen (2007), as vantagens da compra em conjunto produzem: redução de riscos de suprimento; aprendizado mútuo; e redução de custos logísticos.
	A Gestão de Custos Interorganizacionais (GCI) é uma abordagem que coordena as atividades em uma rede com fornecedores e outros elos da cadeia, de tal forma que os custos totais são reduzidos (CAMPOS et al, 2016).

Fonte: elaboração própria

Como cada artesã compra individualmente seus novelos de linha, Tella e Virolainen (2005), consideram uma cooperação horizontal que reúne suas compras a fim de obter vários benefícios. Já Schotanus e Telgen (2007) definem como a cooperação entre duas ou mais organizações em uma ou mais etapas de um processo por meio do compartilhamento e/ou da união de seus volumes – de compra, informação e/ou recursos. Nesse tipo de relação, os resultados e benefícios por meio da cooperação são fundamentais para as organizações na medida em que favorece a obtenção de resultados econômicos e sociais por meio de ações coletivas coordenadas (VERSCHOORE; BALESTRIN, 2008).

Cinco fatores podem ser condicionantes e exemplificam esse tipo de união parcial – no exemplo das artesãs para a compra dos novelos de linha – entre organizações, conforme Souza (2008): i) Interdependência, é indispensável que a organização e seu fornecedor estejam envolvidos; ii) Confiança, as trocas de informações geram um ambiente em que os participantes tenham segurança nas transações; iii) Estabilidade, auxilia na diminuição das dificuldades decorrentes de relacionamentos de confiança, foca no alcance das metas, na cooperação dos investimentos; iv) Cooperação, estimula o gerenciamento e resolução de problemas dos custos e maximização dos lucros; e v) Benefícios Mútuos, compartilhar os ganhos poderá incentivar a continuidade da parceria.

É indispensável essa sólida relação entre as artesãs – os meios – a fim de facilitar a perspectiva logística e a renovação desse ciclo de compras coletivas.

Se Tomkins (2001) reforça que as organizações podem formar alianças com propósitos de reduzir custos e melhorar a qualidade dos produtos, acelerando o acesso a tecnologias de baixos custos, na perspectiva das artesãs isso pode ser vinculado aos equipamentos ergonômicos. Ou seja, o aspecto financeiro é frequentemente a razão mais importante para que organizações individuais formem grupos de compras (NOLLET; BEAULIEU, 2003).

Segundo Schotanus e Telgen (2007), certos grupos de compra conjunta podem não se desenvolver e uma suposta razão é a “injusta” repartição dos custos e

ganhos obtidos. Isto é devido aos métodos adotados na divisão dos custos – divisão uniforme dos custos do gerenciamento das compras conjuntas; e no compartilhamento dos ganhos – permissão que todas as organizações participantes paguem o mesmo preço pelo item comprado, este último chamado de método da Igualdade de Preço. No entanto, a perspectiva de cooperação para as artesãs seria apenas para comprar conjuntamente e, por isso, conseguir desconto maior. O que será feito a partir dos modelos de linha comprados, o que inclui os lucros, é individual, pois cada artesã produz algo diferente e elas não compõem uma cooperativa, por opção própria.

5. Considerações

A partir da racionalidade substantiva (SERVA, 1997) e Ramos (1981), assim como do saber local (MARIN, 2007), o objetivo do estudo foi realizar um diálogo entre universidade e artesãs da Ilha de Santa Rita, Marechal Deodoro/AL, horizontalizando gestão e saber local. Desse diálogo, foi possível interpretar os dados que emergiram das artesãs no que diz respeito ao cotidiano das mesmas e que os dados amadurecidos levaram aos aspectos logístico (transporte para comprar materiais) e custo (compor o preço que valorize o artesanato local), ambos inseridos na questão financeira.

A sensibilização teórica foi fundamental para apropriar o olhar empático do contexto local/social Ilha de Santa Rita, cujo *lôcus* foi o espaço das artesãs locais, a rua principal da Ilha de Santa Rita. Ter esse conhecimento sobre saber local e racionalidade serviu para não impor à vontade e/ou preceitos científicos, pré-conceitos para manipular as intenções e significações locais.

As ferramentas do método GT construtivista (CHARMAZ, 2009; 2014) proporcionaram compreender – sempre com olhar de descoberta – as ações no *lôcus*. O conhecimento a partir do tema gestão, que trouxe o entendimento do que poderia ser incorporado e funcional às artesãs, dentro do contexto delas, compreendendo e respeitando suas perspectivas.

Nessa fase, foi possível desdobrar o objetivo do estudo e operacionalizá-lo, amadurecendo os significados das artesãs em relação ao dia a dia das mesmas. Inicialmente, “*conhecer o cotidiano da Ilha de Santa Rita*” foi alcançado estreitando a compreensão dos laços de convivência, do fazer artesanal e de suas práticas entre ter função familiar e a atividade de artesã, assim como o processo logístico de compra de matéria-prima.

Já de acordo com “*identificar o que é o artesanato para as artesãs*”, o sentido foi para além de uma fonte de renda, aproximando da história local, dos aprendizados repassados por gerações sobre artesanato do filé e do crochê.

O descanso ativo na arte de fazer artesanato tem sintonia com a calma, como *hobby*, recompensado pelo prazer da criação pessoal de um objeto único, cujo valor não é mensurado pelo preço monetário, mas pela individualidade e beleza de cada peça. E essa criação envolve o uso de uma agulha específica, diferenciada por milímetro de espessura e que une as linhas à tela de acordo com os movimentos executados para cada tipo de ponto, como são chamados às figuras iniciais formadas ao costurar. Para executar o trabalho e fazer exatamente como a peça deve ser produzida, elas usam como planejamento um guia chamado de riscos ou receita.

Sobre “*identificar os produtos confeccionados pelas artesãs*”, e “*compreender o processo produtivo sob a ótica das artesãs*” que impressionam pela experiência intrínseca nessa produção, há desde roupas de bonecas e infantis, até objetos para casa e roupas – blusas e vestidos – para jovens e adultos.

E em relação a “*dialogar com as artesãs, alternativas de gestão que auxiliassem seus trabalhos cotidianos*”, houve quatro aspectos: o evento realizado em Marechal Deodoro que proporcionou um momento com palestras e cursos sobre o artesanato; as conversas sobre articulação entre elas e restaurantes e a escola de remo e *standup* local para divulgar seus produtos; a importância do uso das redes sociais para também divulgá-los; e que, se elas comprarem em conjunto, poderão economizar com o custo de transporte, pois apenas uma iria comprar todos os novelos, assim como teriam desconto por ser na mesma loja, já que utilizam marcas de linhas similares.

Quanto às limitações a dificuldade maior foi acessar todas as artesãs em conjunto, em um mesmo momento. E como dicas para estudos futuros está o uso do método Pesquisa-Ação (PA) para operacionalizar os seguintes achados dessa pesquisa: custos de compra e produção dos produtos; e uso das ferramentas de comunicação visual para amadurecer a ideia de artesanato de experiência.

Referências

ALVES, V. O filé: arte e cultura no Pontal da Barra em Maceió (Brasil) e em Margaride (Felgueiras–Portugal): coleta de informação e preservação da memória. *Páginas a&b*, S. 3, p. 130-137, fev, 2014.

CAMPOS, L. et al. Gestão de custos interorganizacionais: um estudo da “rede cerrado” de supermercados. *Contabilidade Vista & Revista*, v. 27, n. 3, p. 81-104, 2016.

CARVALHO, M. *A identidade cultural e sua [Re]significação: o bordado filé de Alagoas na trama da indicação geográfica*. 2017. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD) – UFPE, Recife, 2017.

CHARMAZ, K. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. *Constructing grounded theory*. London: Sage, 2014.

CRESWELL, J. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Artmed: Porto Alegre, 2010

D'AMBROSIO, U. A volta ao mundo em 80 matemáticas. *Sicentific American Brasil*. São Paulo, n. 11. Edição Especial, 2016.

DAVEL, E.; CAVEDON, N.; FISCHER, T. A Vitalidade artesanal da gestão contemporânea. *Revista interdisciplinar de gestão social*, v.1 n.3 set. / dez. 2012.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *The Sage handbook of qualitative research*. London: Sage, 2011.

FAVILLA, C. *Artesanato Brasil*. Brasília: Sebrae, 2016.

GIBBS, G. *Análise de dados qualitativos: coleção pesquisa qualitativa*. São Paulo: Bookman, 2009.

GUSMÃO, C.; SILVA, D.; QUEIROZ, I. Filé alagoano: marca indumentária do estado de Alagoas ou um produto midiático? *XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, João Pessoa – PB, 2014.

IBGE. *Catálogo 2015*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=427027&view=detalhes>>. Acesso em: 08 de jun. de 2019.

MARECHAL NOTÍCIAS. *Ilha de Santa Rita, um pedacinho do paraíso na cidade de Marechal Deodoro*. Marechal Notícias. Alagoas. 3 de jul. de 2015. Disponível em: <<http://www.marechalnoticias.com.br/noticias/marechal-deodoro/ilha-de-santa-rita-umpedacinho-do-paraíso-na-cidade-de-marechal-deodoro/>>. Acesso em: 07 de jun. de 2019.

LEITE, J.; LEITE, E. Saber formal e saber local: convergências e assimetrias. *Ciências & Cognição*. Vol. 17, nº 2. Rio de Janeiro, setembro, 2012.

MASCÊNE, D., TEDESCHI, M. *Termo de Referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato*. Brasília: SEBRAE, 2010. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/4762969DAC2E2FBC8325770E005416FC/\\$File/NT00043F22.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/4762969DAC2E2FBC8325770E005416FC/$File/NT00043F22.pdf)>. Acesso em: 10 dezembro 2019.

MARIN, J. Saber local e saber pretensamente universal, no contexto da globalização. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 43, n. 2, 117-126, mai/ago, 2007.

MELO, C.; UCHÔA, S.; FERRARE, J. Um estudo das rendas artesanais singeleza e puntino ad ago: marca coletiva ou indicação geográfica? *DRd-Desenvolvimento Regional em debate*, v. 9, n. Ed. esp. 2, p. 166-183, 2019.

MEZABARBA, S.; SILVANO, F. Moda: Cultura Material, Modos de Vestir e de se Apresentar. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 8, n. 1, p. 5-13, 2019.

NOLLET, J.; BEAULIEU, M. The development of group purchasing: an empirical study in the healthcare sector. *Journal of Purchasing and Supply Management*, v. 9, n. 1, p. 3-10, 2003.

OLIVEIRA, É. Os desafios de uma gestão administrativa na ótica da racionalidade substantiva. *Além dos Muros da Universidade*, v. 3, n. 3, 2018.

RAMOS, A. *A nova ciência das organizações – uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

SCHATZKI, T. The sites of organizations. *Organization Studies*, v.26, n.3, p. 465-84, 2005.

SCHOTANUS, F.; TELGEN, J. Developing a typology of organisational forms of cooperative purchasing. *Journal of Purchasing & Supply Management*, 13, 53-68, March, 2007.

SERVA, M. A Racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 37, n. 2, p. 18-30 Abr./Jun. 1997.

SILVA, É.; SILVA, G. Formação humana e racionalidade substantiva: resistência à formação instrumental. *PLURALS-Revista Multidisciplinar*, v. 4, n. 3, p. 115-131, 2020.

SIQUEIRA, G. Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental: estudo de caso em uma ecovila no sul da Bahia. *Cadernos EBAPE*, v. 15, n. 4, p. 768-782, 2017.

SOUTO-MAIOR, J. *Planeação estratégica e comunicativa*. Editora Universitária da UFPB: João Pessoa, 2012.

SOUZA, B. C. Fatores condicionantes da Gestão de Custos Interorganizacionais. 2008. 141 f. *Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Universidade de São Paulo, Departamento de Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade*, São Paulo, 2008.

TELLA, E; VIROLAINEN, V. Motives behind purchasing consortia. *International Journal of Production Economics*, v. 93, p. 161-168, 2005.

TOMKINS, C. Interdependencies, trust and information in relationships, alliances and networks. *Accounting, Organizations and Society*. vol. 26, p. 161-191, 2001.

VENQUIARUTO, L. et al. Saberes populares fazendo-se saberes escolares: um estudo envolvendo a produção artesanal do pão. *Química Nova na Escola*, v. 33, n. 3, p. 135-141, 2011.

VERSCHOORE, J.; BALESTRIN, A. Fatores relevantes para o estabelecimento de redes de cooperação entre empresas do Rio Grande do Sul. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 12, n. 4, p. 1043-1069, 2008.

WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB, 2004.